



LINGUAGEM, CORPO E EDUCAÇÃO FÍSICA

Sara Quenzer Matthiesen

Suraya Cristina Darido

Luiz Alberto Lorenzetto

Laércio Schwantes Iório

Irene Conceição Andrade Rangel

Luiz Henrique Rodrigues

Luiz Sanches Neto

Eduardo Vinícius Mota e Silva

Luciana Venâncio

Eduardo Augusto Carreiro

Alessandra Andréa Monteiro

Zenaide Galvão

Universidade Estadual Paulista – Brasil

Resumo: A reforma curricular do Ensino Médio alocou a Educação Física na área de Linguagens, Códigos e suas tecnologias. O objetivo desse estudo foi investigar a Educação Física enquanto linguagem. A partir da pesquisa bibliográfica, os resultados apontaram a necessidade da discussão das diferentes linguagens; das interfaces entre linguagem e corpo; do corpo como produtor e leitor de textos e dos desdobramentos pedagógicos da Educação Física enquanto uma linguagem. Concluímos o estudo reforçando a idéia do “corpo como um texto”, cujas marcas, sensações e movimentos revelarão a cada um parte de si e do mundo.

Palavras-chave: Linguagem; corpo; Educação Física.

LANGUAGE, BODY AND PHYSICAL EDUCATION

Abstract: The curriculum Reform perpetrated in the High School seted the Physical Education on the Language area, Codes and its Technologies. The aim of this study was to investigate the Physical Education as language. After a bibliography research, the results has pointed out a discussion about the different languages; the interlaces analyses between language and body; the body as a producer and reader of texts; and the pedagogical development of Physical Education as language. We concluded the study reinforcing the idea of the “body as a text”, which marks, sensations and movements shall reveal to each one a part of itself and the world.

Keywords: Language; body; Physical Education.

INTRODUÇÃO

Goooooooooolaço...! Grita o narrador.

Tumulto generalizado no campo e nas arquibancadas.

Passada a extensão do grito e a força do fato, que faz uma torcida LEVANTAR-SE, APLAUDIR E RUGIR - faz a outra se sentar... recolher-se... calar-se e ... murchar...

Ao encontro da bola no fundo da rede caminha o goleiro ou o zagueirão, carregando consigo toda uma falência corporal: cabeça abaixada, tronco curvado, passos curtos e lentos, braços abandonados e caídos ao lado do corpo, como se o mundo tivesse desabado sobre ele: a imagem da derrocada!

Ao encontro da galera, do treinador e do centro da rainha das mídias, às câmeras de televisão, corre o artilheiro: levantando a cabeça, expandindo o peito, arrancando a camisa, dançando, virando cambalhotas, saltitando, embalando o filho simbólico, esmurrando o ar, chamando os aplausos do público, fintando até os companheiros para mandar logo, por meio da mídia, a sua mensagem.

Sobre o episódio do gol e de todos os acontecimentos no campo, é importante ressaltar, que muitas coisas foram ditas e compreendidas sem que as palavras se fizessem necessárias. O que observamos foi a presença da linguagem do corpo, associada, na escola, à Educação Física e à Educação Artística.

Mas, como trabalhar com a linguagem corporal na escola? Ou ainda, uma pergunta anterior: é possível ensinar aos alunos a linguagem corporal? Quais as relações entre a Educação Física e a linguagem? O que os alunos devem aprender? Como ensinar?

A reforma curricular empreendida no Ensino Médio Brasileiro quando da aprovação da LDB/1996 e das Diretrizes Curriculares Nacionais (BRASIL/1999), estabeleceu a divisão do conhecimento escolar em três grandes áreas: Linguagens, Códigos e suas tecnologias; Ciências da Natureza, matemática e suas tecnologias; Ciências Humanas e suas tecnologias. Esta classificação teve como base a reunião daqueles conhecimentos que compartilham objetos de estudo e se comunicam, facilitando uma prática de interdisciplinaridade (BRASIL/1999).

Nesta nova perspectiva a Educação Física no Ensino Médio foi alocada na área de Linguagens, Códigos e suas tecnologias, juntamente com as disciplinas de Língua Portuguesa, Língua Estrangeira Moderna, Informática e Arte. No entanto, observamos que a disciplina poderia também ter sido classificada na área de Ciências Humanas e suas tecnologias, uma vez que tem uma forte ligação com os conhecimentos produzidos historicamente, naquilo que se convencionou denominar de Cultura corporal ou Cultura corporal de movimento.

Além disso, há um grupo bastante numeroso de profissionais da Educação Física, que teria ficado bastante satisfeito se a disciplina de Educação Física tivesse sido agrupada à área de Ciências Naturais, juntamente com a disciplina de Biologia, na interface possível da área com saúde e qualidade de vida.

Mas, não foi isto que ocorreu. A questão que se coloca é a seguinte: quais argumentos existiam para que a Educação Física tenha sido classificada na área de Linguagens? Na verdade, desconhecemos a existência de um amplo debate na comunidade por ocasião destas aprovações.

É preciso ressaltar que poucos trabalhos na área de Educação Física Escolar têm buscado investigar as relações entre a disciplina e as Linguagens, ou quando o fazem, como no livro Metodologia do Ensino de Educação Física (COLETIVO DE AUTORES, 1992), isso ocorre de modo não específico.

Além deste livro outros autores buscaram abordar a temática da linguagem, à luz de diferentes matrizes teóricas; como Santin (1985), Betti (1994); Kunz (1995); Mesquita (1997); Mattos e Neira (2001); e outros.

Contudo, nem todos estes textos buscam compreender os aspectos pedagógicos da Educação Física na escola. Santin (1985), por exemplo, busca aprofundar as questões filosóficas da Educação Física enquanto linguagem, Betti (1994) analisa a Educação Física na perspectiva da semiótica, trazendo algumas informações que iluminam o campo. Kunz (1995) aborda a linguagem na perspectiva da teoria crítica enquanto Mesquita (1997) procura ressaltar as implicações da Educação Física

enquanto linguagem na formação do profissional. O texto dos PCNs, área de Educação Física, Ensino Médio, escrito por Mattos e Neira, publicado no ano de 1999, faz algumas menções a Educação Física enquanto linguagem, propondo a interatividade, o diálogo, a construção de significados na, pela e com a linguagem. No entanto, aponta que o verdadeiro papel da disciplina está relacionado à saúde, não expondo claramente as relações da disciplina com saúde e linguagem.

Remonte (2005) analisou os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs/Brasil/1999) para o Ensino Médio na área de Educação Física e, embora admita as boas intenções nas propostas do documento, afirma que seria apropriado que os professores de Educação Física tivessem formação na área de comunicação para relacionar a linguagem corporal adequadamente às aulas.

Assim, o objetivo do presente estudo é investigar as possibilidades de compreensão da Educação Física enquanto uma linguagem.

O QUE É LINGUAGEM

Como se sabe, a comunicação humana pode efetivar-se por meio de palavras (linguagem verbal) ou por meio de outros signos (linguagem não-verbal). Há substratos comuns entre todos esses signos, com destaque para o fato de terem sido criados pelo homem com finalidades específicas. Trata-se, pois, de convenções, variáveis de acordo com as necessidades e interesses do grupo social que podem ser agrupadas em conjuntos conhecidos como códigos.

Os gestos e os movimentos fazem parte dos recursos de comunicação que o ser humano utiliza para expressar suas emoções e sua personalidade, comunicar atitudes interpessoalmente e transmitir informações.

No sentido amplo do termo, toda a produção humana pode ser compreendida como cultura (SANTOS, 2005), a qual é rica em símbolos que podem ser expressos e registrados por meio da linguagem (VAN DER MERWE, 1996). Segundo Campelo (1997, p. 15), esses símbolos vivem mais que os próprios seres humanos, fazendo-se necessário que alguém os analise, por isso os símbolos perdem seu sentido sem a presença humana.

Há vários tipos de linguagem, dentre os quais a linguagem corporal, que consiste em códigos e expressões usadas por determinados grupos em certas situações (MANSER, 1990). A linguagem ainda é entendida como um conjunto de códigos que podem ser transmitidos e compreendidos através da fala, da escrita, da leitura, da arte e do corpo. Pode ser definida também como um conjunto de símbolos verbais e não verbais, que está presente em todo o universo educacional (RAMOS, 2000), sendo que os órgãos dos sentidos são utilizados para entender seus códigos. Mas desde quando isso acontece?

Não é possível precisar quando os seres humanos passaram a compreender uns aos outros através de sons articulados e códigos por escrito, mas a linguagem escrita foi registrada muito recentemente. Durante os milhões de anos da evolução humana, apenas os últimos 300 anos foram registrados por escrito. Antes disso, como não há registros da linguagem, os seres humanos viviam no que denominamos período pré-histórico, em que os códigos somente podiam ser transmitidos de uma geração para outra através da fala. Os seres humanos conheciam apenas os acontecimentos que vivenciavam e aqueles que eram contados pelos outros que viviam próximos (Gonçalves, 2000).

Conforme Tofler (*apud* GONÇALVES, 2000, p. 57-58), grande parte da existência humana aconteceu nas cavernas. Tomando o tempo de existência humana da ordem de 500.000 anos e dividindo-o por 65 anos, como base de tempo para uma geração, teríamos um número de aproximadamente 800 gerações. Deste total, 650 gerações foram passadas nas cavernas e a comunicação era essencialmente corporal. Há apenas 70 gerações foi possível a comunicação de uma geração para outra através da escrita, e somente as últimas 10 gerações puderam ter algum acesso à comunicação de massa com a invenção da

imprensa. Além disso, apenas as últimas duas gerações conheceram o motor elétrico e somente a geração atual conhece o computador.

Realizando essa análise de outra forma, Gonçalves (2000, p. 58) conclui: “buscando comparar as 800 gerações com um adulto de 80 anos de idade, diríamos que ele aprendeu a viver numa casa aos 65 anos (...) e comunicar-se através da escrita aos 73 anos de idade”.

O ser humano pode se expressar de diversas maneiras, com diferentes linguagens, porém as linguagens falada e escrita predominam atualmente no nosso cotidiano. Em coluna escrita recentemente, Sevcenko (2004) afirma que a cada duas semanas uma língua “some” no planeta, como consequência “da expansão européia [...] processo predatório, acelerado pela globalização.” (p.59). Assim, as linguagens escrita e falada poderiam estar a caminho de uma massificação, tornando-se comum a todos, como é o caso dos nomes de lojas, produtos e jargões relacionados à linguagem norte-americana (o inglês) evidentes em nosso dia-a-dia.

No entanto, ao mesmo tempo em que “somem” algumas linguagens, “surgem” outras. Esse processo de desaparecimento/surgimento não é instantâneo, é gradual, pois se trata da ressignificação dessas linguagens, fruto de sincretismos entre diferentes formas de comunicação. Não sabemos ao certo em que ritmo acontecem, embora possamos evidenciar esse processo. Essas evidências podem aparecer não só na linguagem falada/escrita, mas também na linguagem corporal.

LINGUAGEM, CORPO E CULTURA

A linguagem possui múltiplo significado que varia culturalmente segundo relações presentes na educação e na percepção das imagens. Segundo Geertz (1989, p.27), “as culturas são estruturas de significado através das quais os homens dão forma às suas experiências”, vistas como formas de aprendizagem ou de comportamentos aprendidos. O autor cita um exemplo: não basta falar a língua de outra cultura para estarmos inseridos nela; o significado das palavras muitas vezes não reflete a análise e nem a interpretação de sua cultura. Durham (1977, p.32) lembra que a cultura constitui o processo pelo qual os homens dão significados às suas ações através de uma manipulação simbólica que é atributo fundamental de toda prática humana.

Na Educação Física e suas representações corporais o significado das experiências também variam culturalmente. Tais representações e linguagens dos movimentos, das danças, das ginásticas, das lutas, dos jogos, são manifestações, muitas vezes incompreensíveis para pessoas de culturas diferentes, como por exemplo, as danças folclóricas de cada país ou os jogos populares diferentes em cada região.

Antes mesmo de comunicar-se através das palavras, os seres humanos já se comunicavam por meio do movimento e do corpo, que sente, se expressa e se movimenta... o corpo fala.

Percebemos que a concepção corrente que privilegia a linguagem escrita como a única manifestação de um texto precisa ser repensada. O senso comum entende que um texto é algo que se organiza pela combinação de letras, frases, parágrafos, períodos e que a expressão de um texto se dá pela escrita, predominantemente.

Movimentos corporais como, por exemplo, as expressões faciais, os gestos que compõem uma coreografia de dança bem como os presentes nas modalidades esportivas, podem também ser entendidos como portadores de texto. Isso equivale a dizer que a comunicação pode ser otimizada e potencializada na medida em que compreendermos os argumentos contidos nas manifestações corporais.

Darido (2002) ao construir relações entre o universo da Educação Física Escolar e a área de Linguagens, destaca a necessidade da ampliação do sentido do termo *texto*, passando a ser entendido como uma totalidade significativa e articulada que é verbal e não-verbal.

Para Del Nero (1997) a capacidade de nos comunicarmos tanto por meio dos gestos, pela motricidade, quanto pela fala é inata, servindo de base para as demais formas de manifestação da linguagem.

A construção de um texto depende, portanto, da capacidade de elaboração de arranjos constituídos por gestos e/ou palavras que ganham em amplitude e complexidade na medida em que se assegura a ampliação dos repertórios. Quanto maior for o repertório de movimentos, mais ricas tendem a ser as possibilidades de construção de um texto, da mesma forma que quanto maior o número de palavras que conhecemos, maiores são as possibilidades de comunicação e expressão.

A linguagem é a manifestação mais complexa da inteligência humana pois permite que pensamentos sejam compartilhados. É preciso mais do que uma mente em perfeito funcionamento para que isso aconteça, aliás, não existe mente sem corpo (DAMÁSIO, 1994). O corpo tem um papel essencial no comportamento inteligente (DREYFUS, 1992).

O corpo e seus sentidos permitem que os seres humanos captem informações, como os códigos da linguagem, e também que essas informações sejam transformadas e transmitidas para outros seres humanos (GONÇALVES, 2000) com novos significados. Os significados e a linguagem têm que ser constantemente renovados porque a experiência humana é extremamente dinâmica, caso contrário, as informações perdem seu sentido.

Nossos corpos estão impregnados das vivências de nossos antepassados, o que chamamos de herança cultural e também genética. Esse legado inscrito em nossos corpos mistura elementos biológicos e ambientais enfrentados pela espécie humana. A expressão corporal foi a linguagem que predominou na pré-história (BRIKMAN, 1989) e sua compreensão ainda é incerta nos nossos dias (O'CONNOR e SEYMOUR, 1995).

Conforme uma classificação apresentada na obra de Campelo (1997, p. 9-11) o corpo pode ser entendido como uma mídia, aliás, uma mídia primária. É o tipo de comunicação que ocorre no flerte, na articulação e na leitura dos gestos e da mímica facial, no movimento e deslocamento no espaço (...), quem se senta ao lado de quem, quem cumprimenta quem, onde ficar, como andar, para que lado olhar, que gestos são permitidos e quais são proibidos (PROSS *apud* BAITELLO, 1997, p. 9-10)".

A mídia secundária requer aparatos que aumentam o raio de ação da mídia primária e inclui a linguagem nesse segundo item. Já a mídia terciária requer, além desse aparato da mídia secundária, também um aparato para que o receptor seja alcançado pela mensagem, citando como exemplos: rádio, televisão e correio eletrônico.

LINGUAGEM E AFETIVIDADE

Pensando num processo radical e profundo de educação corporal, onde os sentimentos transformam-se em ação, onde o aluno vê-se diante de inextrincáveis encruzilhadas, vale a pena lembrar de forma resumida, as palavras do polêmico médico e psiquiatra José Angelo Gaiarsa (1984) que parece pleno de razão quando defende e aposta numa Biomecânica Existencial, demonstrando como o corpo se comunica enquanto processa sua jornada formativa.

Gaiarsa (1984) refere-se ao mesmo fato: as emoções existem porque existe uma anatomia e os sentimentos apresentam uma estrutura somática. Ambos tratam do tema deste estudo, que de forma ampliada e adaptada, poderia chamar-se de linguagem corporal, ou de como os indivíduos expressam e comunicam a motilidade (da pele para dentro), a motricidade (da pele para fora), a corporeidade (a união de ambas as anteriores) e a transcendência (a energia vital ou espiritualidade).

Convivendo ou dialogando com outras linguagens - a emocional, a escrita, a matemática, a histórica, a filosófica, a científica, a estética, a ética, a intuitiva, a dedutiva, a falada, a erótica, a profana, a sagrada, a lúdica, a arqueológica, a metafísica, a

futuróloga - a linguagem corporal age através de: processos intrínsecos e extrínsecos, dando ao corpo as estruturas, as formas, as funções e os sentidos que clamam suas experiências.

Diante de tamanha complexidade para avaliar e operacionalizar tantas nuances da linguagem corporal, é justo reconhecer o tamanho e a enorme responsabilidade do professor de Educação Física, na construção de um corpo/corporeidade/transcendência, tecido e configurado por uma rede de textos (AÇÃO comunicAÇÃO) que possam vir a tornar-se significativos.

O CORPO COMO LINGUAGEM: IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS

A linguagem corporal geralmente é associada à Educação Física (Mattos e Neira, 2000) e também à Educação Artística (Gonçalves, 2000) na escola. Mas como trabalhar com a linguagem corporal na escola? Como ensiná-la para os alunos? O que eles devem aprender?

Para Labarrière (1999), o foco deve ser geral quando se relaciona Educação Física ao ensino da linguagem. Ele dá como exemplo o estudo da imprensa esportiva ou de livros e textos sobre esporte. Cita a possibilidade dos alunos responderem por escrito a questões sobre esporte quando esse for o tema da aula de Educação Física. Já Mattos e Neira (2000, p. 16) propõem que o ensino da linguagem corporal no Ensino Fundamental visa à proficiência dos movimentos nos esportes, lutas, ginásticas e atividades rítmicas.

Para o Ensino Médio, propõem que a linguagem corporal vise a compreensão e a utilização das formas de expressão, como gestos e movimentos, seus significados, suas técnicas e táticas. Os alunos nesse segmento devem ler e compreender uma dança, um jogo ou um esporte, percebendo e interpretando o que se passa, diferenciando ritmos e sabendo acompanhá-los com o movimento, compreendendo os jogos e interferindo neles de forma eficiente e estratégica. Ainda, devem perceber nos esportes um vasto campo de atuação que extrapola o ser expectador para assumir a postura de quem compreende e interpreta o que vê. Nesse sentido, há um ponto em comum entre o que propõem Mattos e Neira (2000) e a proposta de Labarrière (1990) no que diz respeito à mídia esportiva e sua interpretação.

Se o “corpo fala” é algo passível de análise no campo bibliográfico, é preciso que se entenda o que ele – corpo - tem a dizer.

Se o corpo como linguagem deveria ser algo passível de leitura de todo e qualquer educador, na escola as possibilidades de leitura desse corpo que hoje tanto se fala – e que muito tem a falar – certamente deveria ser alvo do *olhar* do professor de Educação Física, já que é por meio dela – Educação Física – que o corpo deveria ser conhecido.

Talvez, mas não somente, o mais comum seja realizar essa leitura por meio do movimento esportivo o qual se evidencia pela análise do adversário, pela troca de olhares, toques e sinais próprios da definição de determinadas jogadas, da direção da bola, evitando-se, pela antecipação do movimento, que esta atinja o chão, no caso do Voleibol ou balance a rede no caso de gol no Futebol.

Mas, para além dessa leitura, digamos técnica, até bastante comum no campo esportivo, em que nenhuma palavra necessariamente precisa ser dita, a linguagem do corpo pode incitar o olhar de forma que possamos compreendê-lo a partir da decifração dos códigos, marcas e registros a ele pertinentes. Das várias possibilidades de traçarmos este particular, acentuaremos três que nos parecem de fácil visualização.

Pensando nas particularidades da Educação Física e do Esporte, diríamos que o corpo como linguagem pode ser compreendido, ou melhor, lido, a partir de um corpo que: *sente* e que, portanto, é passível de registrar e evidenciar as sensações nele presentes; *se expressa*, e que, portanto, realça as marcas, gestos e posturas particulares de cada ser; *se movimenta*, a partir de um rol de possibilidades próprias que demonstram um pouco de si ou padronizadas em gestos

específicos, como é o caso dos Esportes. Em outras palavras diríamos que a Educação Física e o Esporte poderiam se ocupar da leitura do corpo em diferentes instâncias, preocupando-se com o que ele tem, de fato, a dizer ao sujeito e ao outro.

Entre tantas imagens possíveis, destacaremos algumas capazes de evidenciar tais possibilidades, cujas particularidades são evidentes no cotidiano da Educação Física e do Esporte. Ou seja, começaríamos pelo *corpo que sente* ou pelo *corpo sensível* entendido como aquele cujas sensações revelam as particularidades dos órgãos dos sentidos, cujo exemplo nítido é o trabalho que pode ser realizado no campo da Educação Física pelas práticas corporais alternativas. É nesse sentido que as atividades de massagem, por exemplo, no interior de uma aula de Educação Física poderiam contribuir para o entendimento da linguagem do corpo via identificação das tensões musculares, entre outras coisas que revelam algo sobre o sujeito. Talvez, a leitura do *corpo sensível* pudesse auxiliar o aluno a ter uma melhor consciência de si, de seu corpo e das possibilidades de movimentá-lo.

Para além da repetição mecânica dos gestos próprios da atividade esportiva os alunos poderiam realizar movimentos que o levassem à compreensão de seu próprio corpo, contribuindo, inclusive, para o seu desempenho. Até onde percebo o movimento de minhas articulações? Até onde posso sentir o alongamento de meus músculos? Qual a sensação revelada pela respiração profunda? Como percebo os desvios posturais adquiridos ao longo dos anos?

Com base em questões deste tipo e ultrapassando uma leitura terapêutica do corpo, objeto de outras áreas do conhecimento, a Educação Física poderia revelar, com propriedade, qual é o seu papel na percepção desse *corpo sensível*, do qual, no dia-a-dia, pouco se vê e quase nada se percebe.

No campo esportivo o olhar para este *corpo sensível* tornaria mais claros os limites do atleta, quer em relação àqueles que se evidenciam fisicamente, sobretudo por meio das dores musculares provocadas pelo acúmulo de ácido lático na musculatura, quer por meio das atrofias musculares, geradoras de posturas muitas vezes impeditivas de determinados movimentos especializados ou, ainda, pela expressão da alta carga emocional provocada, por exemplo, pela tristeza própria da derrota de uma partida ou da alegria contagiante do momento do gol. Tudo isso, aliás, é bastante importante de ser discutido nas aulas de Educação Física, principalmente questionando-se a valorização exacerbada da superação de limites, tão típica do esporte.

O *corpo que se movimenta* ou o *corpo móvel* entendido como aquele que em movimento expressa, em linguagens diversas, a possibilidade de interação com o mundo que o cerca teria, como exemplo no campo esportivo, um amplo rol de movimentos especializados de acordo com normas específicas, ainda que passíveis de compreensão por culturas diversas. Ou seja, apesar das especificidades gestuais passíveis de identificação numa leitura mais atenta do *corpo móvel*, não é difícil identificar a fluidez da comunicação entre aqueles que praticam uma mesma modalidade esportiva. Assim, se um brasileiro, um alemão, um japonês, um indiano, um equatoriano e um africano, que não falam a mesma língua, se encontrarem em uma quadra de Basquetebol, mesmo assim, apesar de não poderem contar com a linguagem verbal para se comunicarem, poderão fazê-lo pela linguagem corporal, pela linguagem de um *corpo móvel* que, no caso, fala a língua do Basquetebol.

Ainda assim, é preciso enaltecer a importância da temporalidade nesse processo de construção que não é estanque, mas que sofre alterações múltiplas. Por exemplo, se colocássemos na quadra de Voleibol um dos “homens de negócio” que jogavam na ACM – Associação Cristã de Moços em 1896 juntamente com Montanaro, representante da “geração de prata” do Voleibol, e Giba, representante legítimo dos tempos atuais, será que aconteceria o jogo de Voleibol tal qual o conhecemos? Ou será que a linguagem corporal entre os referidos atletas seria incompreensível, inviabilizando o jogo em si?

Esse é um simples exemplo de como o Esporte, ao alterar as regras e a técnica, altera o movimento do corpo cuja linguagem, para ser compreendida, merece ser resgatada historicamente. Ou seja, por que o jogo de Voleibol se inicia com o saque? Por que o limite é de três toques antes da conclusão do *rally*? E assim por diante. Num paralelo com a Matemática, seria resgatar, por exemplo, como a equação da raiz quadrada, que significa a divisão em partes iguais dos lados de um quadrado

(radix quadratum), chegou a ser como é, ou seja, como ocorreu o refinamento – se é que podemos dizer assim – do produto – leia-se equação - original.

Mais do que qualquer outra coisa, é importante que os alunos saibam que a linguagem corporal é uma forma de comunicação tão eficaz quanto à linguagem falada ou escrita e que, portanto merece ser explorada e compreendida por todos, ainda que, tradicionalmente não se tenha dado ênfase a este particular no campo da Educação Física, talvez pelo desconhecimento, por parte dos professores, de como isso deva ser feito.

Talvez, outro caminho a ser explorado em aulas de Educação Física para o desenvolvimento de questões relacionadas à linguagem corporal seja o dos diferentes estilos ou técnicas utilizados por atletas ou equipes em determinados países. Afinal, é comum falar-se em: escola asiática de Voleibol, escola brasileira de salto triplo e escola russa de Ginástica, como exemplos claros de linguagens específicas. Outras vezes, há uma tendência de se relacionar o estilo de jogo de equipes esportivas às características culturais de um povo, falando-se do estilo duro do futebol alemão em relação ao futebol alegre dos africanos, por exemplo. Esses, certamente, podem se configurar em elementos imprescindíveis para o debate em torno do tema transversal da pluralidade cultural. Ou seja: será que as populações apresentam realmente características culturais corporais tão específicas e marcantes? Será que o fato de o Futebol brasileiro ser mais ofensivo ou alegre tem a ver com a forma de encarar a vida de seu povo ou com o ambiente tropical que propicia uma maior movimentação corporal? Será que a tenacidade das atletas asiáticas de Voleibol tem a ver com o ambiente tido como mais rígido ou tem ligação com as dificuldades enfrentadas por estes povos no pós-guerra? Ou seja, será que estas marcas estão impregnadas em seus corpos e movimentos?

Nesta mesma perspectiva, conteúdos como a Capoeira, por exemplo, poderiam ser trabalhados propiciando o conhecimento de sua história, gestual, procedimentos e movimentos que revelam, por exemplo, a importância da ginga, da reza que antecede a entrada na roda entre outras particularidades que contribuíram, inclusive, para o seu “embranquecimento”. Enfim, uma verdadeira aula de História e Antropologia, a partir de uma aula de Educação Física preocupada com a linguagem corporal.

Outro aspecto referente à linguagem corporal que mereceria ser abordado em aulas de educação Física estaria relacionado ao conteúdo em si. Ou seja, o quanto é preciso se conhecer do Voleibol por exemplo, para poder se comunicar com os demais jogadores de uma equipe? Se como aprendizes da modalidade entrarmos em uma equipe de competição, conseguiríamos jogar – leia-se, nos comunicar? Se um atleta de alto nível participar de um *racha* na praia de Copacabana em uma manhã de domingo conseguirá se comunicar ou falará sozinho? Talvez, para que este atleta não se torne uma espécie de estrangeiro incompreendido neste contexto, houvesse a necessidade de simplificação dos ruídos de comunicação entre os membros do grupo facilitando a compreensão e clareando os objetivos da atividade proposta. Afinal, no esporte de alto rendimento, não basta se comunicar pelo corpo, é preciso se comunicar *bem*.

O mesmo é válido para jogos e brincadeiras, os quais, ricos em gestos e simulações, tentam, muitas vezes, esconder o que o corpo está expressando para sair-se vencedor, como é o caso do passa-anel e do telefone sem fio.

Por outro lado, situações como a descrita a seguir, também devem ser analisadas quando o assunto é a linguagem corporal. Ou seja, se transportássemos um professor de Educação Física das quadras das escolas brasileiras da década de 1930 para uma aula em uma quadra das escolas atuais ele seria compreendido? Como ele transmitiria o conteúdo próprio de seu tempo aos alunos de escolas públicas do Ensino Médio, por exemplo? E se transportássemos um professor de *Body combat* para a escola de 1930, ele seria compreendido pelos alunos?

Por fim, chegamos ao *corpo que se expressa* ou ao *corpo gestual*, próprio das capas de revistas, reproduzido nas academias que se proliferam Brasil afora como o padrão de corpo da atualidade.

A Educação Física poderia discutir com os alunos sobre os ditames de uma moda que escraviza e impõe culturalmente a necessidade de alterações - inclusive biológicas - de um corpo cujo padrão é, por muitos, inatingível e, numa perspectiva crítica, analisar a realidade existente, quebrando o estereótipo atual como o único existente na história do homem e da própria Educação Física. Neste espaço, os adornos que na aparência de cada ser expressam parte da sua individualidade poderiam contribuir para um melhor conhecimento e possibilidade de compreensão de uma geração que entre tatuagens e *piercings* imprime um corpo cujo padrão está muito distante daquele presente na maior parte das gerações de professores hoje na ativa. O “corpo como mídia” identificado sabiamente por Baitello Júnior (1997), parece ser o ponto nevrálgico deste corpo que expressa, entre outras coisas, a cultura a qual pertence.

Isso para não falarmos das expressões rítmico/corporais e da dança que demonstram inúmeras possibilidades de expressar sentimentos, emoções, sons e significados, por meio dos movimentos corporais, como é o caso da percussão realizada no e pelo próprio corpo ou da Umbigada, do Samba de crioula, do Samba de roda, do Reizado entre outras manifestações culturais ricas em significados e sentimentos passíveis de análise pela linguagem corporal.

Para além disso, diríamos que um professor de Educação Física atento ao que o corpo expressa poderia identificar a *sobrecarga* corporal presente nos casos de obesidade ou os limites impostos àqueles que enfrentam problemas de anorexia. Poderia, também, orientar os alunos de modo a evitar um corpo *bombado*, encharcado de suplementos vitamínicos e anabolizantes, não perdendo de vista os benefícios da atividade física para o desenvolvimento humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse levantamento preliminar de conceitos e entendimentos indica a necessidade de aprofundarmos a compreensão da linguagem em relação à Educação Física na escola, pois o que parece óbvio é que a associação da linguagem corporal à Educação Física, tem se mostrado pouco consistente tanto academicamente quanto pedagogicamente.

Como afirmou Darido (2002), a Educação Física na escola deve reconhecer que tem a difícil tarefa de propiciar aos alunos que ordenem, de forma articulada, os dados de experiências comuns aos membros de uma determinada comunidade lingüística, assim como possibilitar-lhes a compreensão da linguagem corporal como interação social que amplia o reconhecimento do outro e de si próprio, instrumento do entendimento mútuo (BRASIL, 2002, p. 145).

Concordamos com Remonte (2005) que é necessário trazer as temáticas da comunicação e linguagem para o escopo da formação profissional, e acrescentamos que ela deve estar presente tanto na formação inicial como na continuada.

Apenas para encerrar essas primeiras imagens que nos incitam a pensar nas diferentes possibilidades de leitura do corpo pela Educação Física, reforçamos a idéia prescrita por Campelo (1997) da retomada do “corpo como um texto”, um texto de cultura, cujas marcas, sensações, movimentos e estereótipos revelará a cada um parte de si e do mundo. É, portanto, função do professor de Educação Física saber lê-lo de modo a poder ensinar aos seus alunos essa possibilidade, alfabetizando-os no campo da linguagem corporal.

REFERÊNCIAS

BAITELLO Jr, N. Apresentação: O corpo como mídia. In: Campelo, C. R. **Cal(e)idoscorpos**: um estudo semiótico do corpo e seus códigos. São Paulo: Annablume, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Ensino Médio e Tecnológico. **Parâmetros Curriculares Nacionais**, 1999.

- BRIKMAN, L. **A linguagem do movimento corporal**. São Paulo: Summus, 1989.
- CAMPELO, C. R. **Cal(e)idoscorpos: um estudo semiótico do corpo e seus códigos**. São Paulo: Annablume, 1997.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- DAMÁSIO, A. R. O cérebro de um corpo sem mente. In: _____. **O erro de Descartes: Emoção, razão e o cérebro humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- DARIDO, S. C. **Parâmetros Curriculares Nacionais mais Ensino Médio: orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica/MEC, 2002.
- DEL NERO, H. S. **O sítio da mente, pensamento, emoção e vontade no cérebro humano**. São Paulo: Collegium Cognitio, 1997.
- DREYFUS, H. L. The role of the body in intelligent behavior. In: _____. **What computers still can't do: critique of artificial reason**. Massachusetts: MIT, 1992.
- DURHAM, E.R. A Dinâmica Cultural na Sociedade Moderna. **Ensaio de Opiniões**. Vol.4, p.32-35, 1977.
- GAIARSA, J. A. **O espelho mágico: um fenômeno social chamado corpo e alma**. São Paulo: Summus, 1984.
- GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
- GONÇALVES, C. Educação Física: Ler e escrever também com o corpo em movimento. In: Neves, I. C. B., Souza, J. V., Schäffer, N. O., Guedes, P. C., e Klüsener, R. (Organizadores). **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas**. Porto Alegre: UFRS, 45-62, 2000.
- LABARRIÈRE, G. Éducation à la citoyenneté par l'EPS. **Revue Éducation Physique et Sport**, 208, 25, 1999.
- MANSER, M. H. Verbete "language". **Macmillan student's dictionary**. Londres: Macmillan, 1990.
- MATTOS, M. G., e NEIRA, M. G. A Educação Física enquanto linguagem. In: _____. **Educação Física na adolescência: Construindo o conhecimento na escola**. São Paulo: Phorte, 14-17, 2000.
- O'CONNOR, J., e SEYMOUR, J. **Introdução à programação neurolinguística**. São Paulo: Summus, 1995.
- REMONTE, J. G. **Linguagem corporal: O que é isso, companheiro?** Artigo publicado em meio eletrônico http://www2.uol.com.br/aprendiz/n_colunas/coluna_livre/id250302.htm acesso 17/1/5, 2005.

SANTOS, J. L. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

SEVCENKO, N. Culto Circuito. **Carta Capital**. São Paulo. 6 de outubro, 2004.

VAN DER MERWED, F. Sport as a symbol: Symbols in sport, **Proceedings of the 3rd ISHPES Congress**, Cape Town, 1996.

Contatos

Universidade Estadual Paulista
Fone: (19)3526-4348
Endereço: Av. 24A, n. 1515 – Rio Claro, SP 13506-900
E-mail: saraqm@rc.unesp.br

Tramitação

Recebido em: 16/05/08
Aceito em: 28/08/08